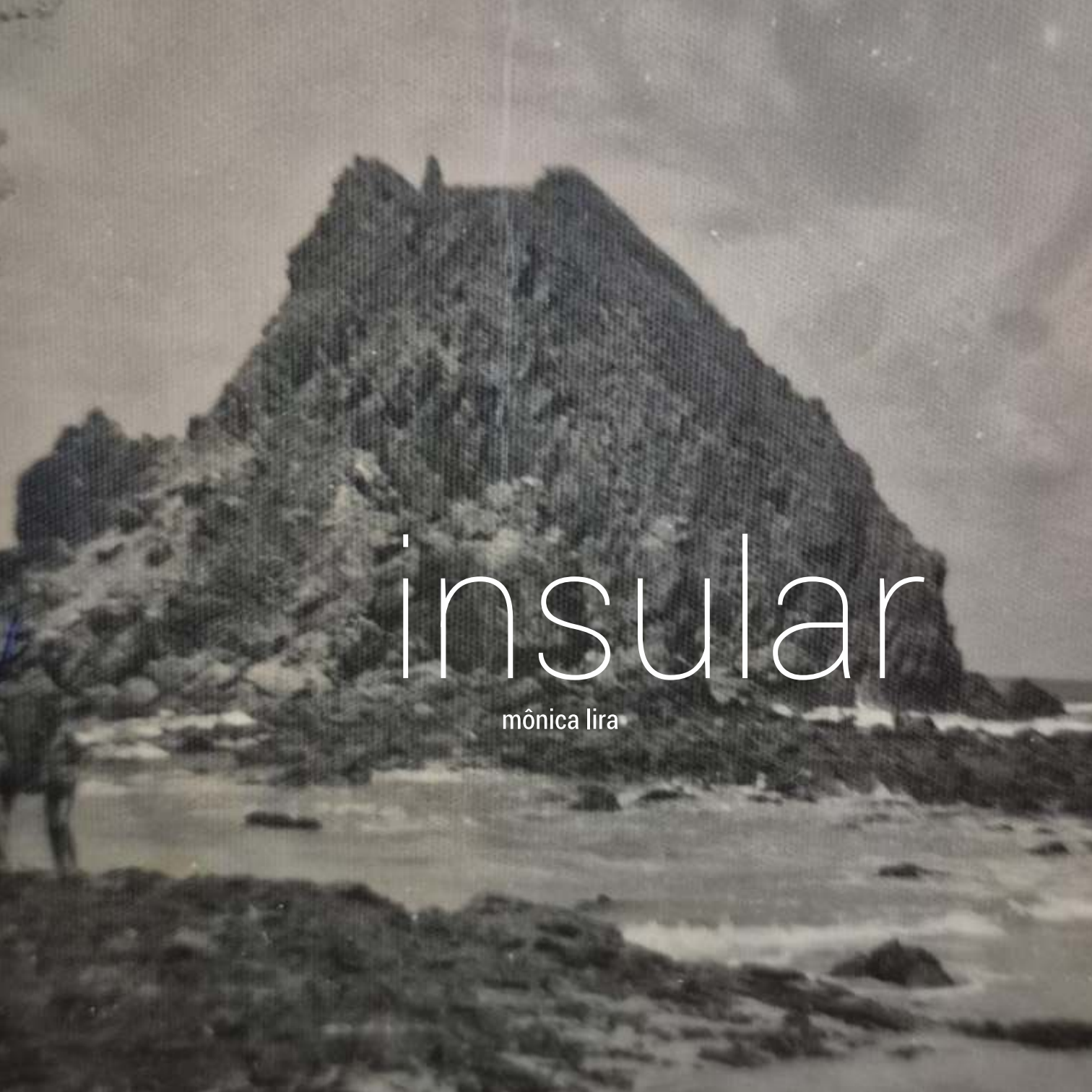




insular

mônica lira



prefácio

Aqui inicio minhas escritas como resultado da pesquisa Insular – um caminhar de volta, que se mistura através do tempo, das experiências com a dança junto ao Grupo Experimental e das histórias da minha família, dos tempos de outrora. Mas, principalmente, nasce da minha última ida a Fernando de Noronha, em 2024.

Foram cinco dias de imersão com uma programação intensa, incluindo duas oficinas, entrevistas, depoimentos e uma intervenção artística pelas ruas, pedras, monumentos, ladeiras e calçadas da ilha como resultado do processo. Organizamos registros em vídeo, fotografias, escritas poéticas e tudo aquilo que nos atravessou – humanamente e artisticamente – trazendo sempre as mulheres como voz principal dessa condução.

Dividi este trabalho com minhas companheiras insulares nessa jornada e com nossos(as) entrevistados(as), que compartilharam suas trilhas nesse chão noronhense. Convido você a conhecer essas experiências.



- 04 apresentação
- 07 nascerás mulher - silvia góes
- 12 primeira viagem 2010 insular - pesquisa ilhados experimental/noronha
- 17 segunda viagem 2014 insular - danças molhadas
- 24 ilhados encontrando as pontes - rafaella trindade
- 27 insular - um hiato no tempo das ilhas
- 33 insular - sonhos de esquecimentos
- 37 insular - ondas sonoras de outros tempos e moveres
- 39 terceira viagem 2024 insular - um caminho de volta
- 45 insular pontilhados por elas
- 58 dona lília
- 61 memórias mulheres-águas - rafaella trindade
- 63 ando sonhando pedras acontecidas em intervalos - silvia góes
- 67 entrevista com ana paula
- 69 belezas da ilha - chris galdino
- 71 entrevista com daniela mesquita
- 73 entrevista com ikaro silvestre
- 75 oficinas insulares
- 67 entrevista com ana Paula
- 79 projetando - transformando ideias em projetos culturais:
oferecendo instrumentos de profissionalização das produções
artísticas para realização de sonhos - chris galdino
- 81 corpos insulares e suas danças - movimento e a voz
da poética que me habita em relação com o território
que me atravessa e enraíza - mônica lira e rafaella trindade
- 83 o que te move a permanecer aqui? - silvia góes
- 85 entrevista com thania brito
- 87 entrevista com marco aurélio (maguinho)
- 89 entrevista com lucas flor
- 91 intervenção insular | pistas para novas pontes - silvia góes
- 95 depoimentos
- 96 dessa vez... - rafaella trindade
- 98 o tempo se move com a dança
- 100 as tartarugas também dançam
- 102 escuta da ilha | escritas poéticas - resultado da oficina
- 110 equipe projeto
- 111 agradecimentos
- 113 trilha sonora



sobre a experiência
com o pai Alfredo,
contada na página 38

sumário



Buraco do Galego
foto: acervo pessoal da família

apresentação

(A Ponte — composição de Lenine e Lula Queiroga)

“... Este lugar é uma maravilha
Mas como é que faz pra sair da ilha?
Pela ponte, pela ponte
Como é que faz pra sair da ilha?
Pela ponte, pela ponte

A ponte não é de concreto, não é de ferro
Não é de cimento
A ponte é até onde vai o meu pensamento
A ponte não é para ir nem pra voltar
A ponte é somente pra atravessar
Caminhar sobre as águas desse momento...”



Antes de voltar a Noronha passamos alguns anos trabalhando numa ilha e para sairmos dela o corpo poderia até escolher qual ponte atravessar, estávamos inseridos numa metrópole e a sensação de ilha era atravessada por pontes. Na pesquisa ILHADOS, que nos levou enquanto corpo experimental pela primeira vez a Noronha (2010) e tinha como questão principal, como se sentir ilhado? Não existia a ponte para atravessar, mas a possibilidade de viver num paraíso e criar outras conexões através do pensamento, da imaginação, do coração, da voz, da escrita, do corpo.... Todas as formas de atuação artística poderiam possibilitar essas pontes, e assim fizemos. Fomos para a ilha e de lá nasceu nossa trilogia:

ILHADOS – encontrando as pontes

COMPARTILHADOS

PONTILHADOS

Agora na pesquisa INSULAR continuamos a gerar outras imaginações, outras pontes, onde a criação em dança foi a protagonista. Para isso reunimos um conjunto de ações para vivenciarmos junto com as pessoas que estiveram com nossa equipe, um encontro regado à poesia, movimento, depoimentos, sonhos, energias, direcionadas a um resultado artístico final, que era de esboçar uma futura dramaturgia de “Pontilhados”, em Noronha. Reunimos nesta pesquisa momentos dessa trajetória dançada por mim, o Grupo Experimental e as pessoas de Noronha que fizeram esse mergulho conosco. Dessa vez nossa dança foi conduzida por mim e mais três mulheres que dividiram e moveram as palavras desse mergulho Christianne Galdino, Rafaella Trindade e Silvia Góes. Esse material também apresenta momentos da minha vida/história/família colocando minha mãe (D. Lília) como protagonista desse documento, dando-lhe voz, espaço, vez, através da nossa escrita... Reverenciando através da figura dela as tantas mulheres daqui e do mundo que são mães, parteiras, costureiras, donas de casas... Mulheres simples, mas responsáveis por grandes gestos de humanidade... Meu desejo sincero de filha, de noronhense e de mulher, é oferecer a Dona Glória seu lugar de fala, mesmo que tardio, preservando e difundindo suas memórias...



As verdades não ficam quietas e um dia se a gente se dispor a escrevê-las elas surgem, sem falta. Colocamos nosso coração e alma movente no tempo das marés, enchemos e esvaziamos nossos pensamentos e aqui entregamos a partir dessas páginas virtuais nossos olhares. O porto era o mesmo, mas as embarcações diferentes, também ouvimos e apresentamos a voz de quem habita hoje nossa Noronha, os que cuidam e amam verdadeiramente a ilha.

Podemos viver em qualquer lugar do planeta, podemos nos envolver ou não com as questões do outro e do mundo, podemos simplesmente caminhar e fazer nosso percurso sem olhar em volta, mas continuo acreditando na arte da dança como construção coletiva, como transformação e reflexão do que queremos mudar... Que pontes queremos construir com nossa imaginação?

Convido você a seguir essa trilha, deixando o corpo lhe conduzir nesse Insular. Peço licença ao grande poeta Manoel de Barros para oferecer seus versos a aproximar nossos corações, e, assim, nos encontrarmos nessa leitura:

Para entender nós temos dois caminhos: o da sensibilidade que é o entendimento do corpo; e o da inteligência que é o entendimento do espírito. Eu escrevo com o corpo. Poesia não é para compreender, mas para incorporar. Entender é parede; procure ser árvore. (BARROS, Manoel: Gramática expositiva do chão poesia quase toda. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990, p. 212)



nascerás mulher

silvia góes

Nascerás mulher!

Assim foi o grito rouco, ecoando em atrito com o ronco das ondas que quebravam por todos os lados, arrudiando o mundo.

Partos, portos, partidas, hospedeiras vidas em contraste com as origens exóticas introduzidas pela ação humana, por gosto ou acidente. Perdidas histórias entre escombros de guerras, tantas... Apagaram meus nomes naturais e me batizaram segundo interesses doutrinários patriarcais — esses que me ferem desde a colonização. Por isso, agora, assim me apresento: pelos ecos do que me transborda... Desvairada, louca, faminta — não pelo nome que me enfiaram à força.

Muitos pés na memória desses chãos: pés e patas, bichos de asas, escamas, unhas e dentes e balas de canhões... E sobreviventes também, nossos fantasmas compartilhados, enquanto o coração — músculo involuntário — diz: **"Dança! É urgente dançarmos!"**... O coração e o útero têm o mesmo tamanho de um punho fechado.

Aqui, tem épocas do ano em que os caranguejos se ajudam a sair das locas aos borbotões e caminham soltos pelas ruas da cidade que invade, entre montes de lixos úmidos, especulações imobiliárias de cifras inimagináveis e amontoados de gente, casas e lojas... quase tudo cheira a dinheiro de um lado, e à miséria do outro.

Esgotos a céu aberto: cicatrizes purulentas da sempre equivocada ocupação forçada pela destruição catastrófica dos trópicos.

Respira! É quente o ar, mesmo enquanto chove.

Ah, essa paisagem feita de vastidões e milagres na cara do agora, ainda resistindo. Tantas delícias e lutas, belezas e músicas, fendas e abismos. Tubarões errantes entre serpentes criadas nas pedras, quentes também, negras e escorregadias; memórias de vulcões antigos sob as profundezas — muito além de onde pisam os pés descalços do tempo.

E a violência dentro das casas humanas.

Nascerás mulher!

O que enraíza na ilha? Prisão? Liberdade?

Arquipélago... horizontes cruzados. É céu e mar em contato, roçando infinitos, em todas as beiras.

E nesse corpo — ah, aqui o mar é brabo! Na pele, é brabo. *"Mergulha que acalma!"*, sussurram os ventos ferventes de sol e sal.

Há monstros marinhos, sereias, magias vulcânicas. Ciganas exiladas e cheias de filhas e filhos. Combatentes das

ditaduras explícitas. Tentaram, a todo custo, silenciar tantas vozes aqui — mas conter o silêncio sagrado das águas é impossível, sobretudo aos homens.

Mais de 70% do corpo é líquido, e sob a cor do crepúsculo, na face cobre das pedras, o sangue reluz plural.

Tantas de nós... **Mar de Dentro, Mar de Fora.**

Hemorragia azul celeste entre ossos de pedra.

Se dá, se oferece de graça. Fome de saciar sedes, água que não se basta, comendo terras, espantos e rios... e tudo ao seu ventre volta eternamente, nessa dança diabólica e divina. O mar é frágil como toda mulher, como tudo que respira — seja infinito ou ínfimo.

De camisola, sem nada que separe a pele dos pés da estrada, a menina vaga em memórias incertas. A velhice pegada ao corpo das coisas: vielas, estrelas. Estejas onde estiveres, o ponto de partida de que se fala sempre começa dentro.

Regressando ou indo embora, é onde sentem os pés e os poros que o aqui acontece.

E diante de tudo, por todos os lados, o mar.

Dentro, mais dentro, testemunha dos nossos passos.

Onde o horizonte se desdobra, a contemplação do eterno finita os olhos.

Ah, “esse azul inesperado que nos cerca”!

Perto, muito perto, o grito ecoa em atrito com o ronco das ondas:

“Nascerás mulher, oceanicamente vulcânica!”



Paisagens de Noronha
fotos: pesquisa Grupo Experimental





chris galdino

mônica lira

silvia góes

rafaella trindade

foto: Silvio Barreto

A ARTE
CONEC

primeira viagem 2010

insular

pesquisa ilhados experimental/noronha

Dança é pesquisa.
Pesquisa é corpo.
E o corpo é ilha.

Esta é uma pesquisa em dança.

Mas não há como dissociar o corpo — e muito menos a arte — do que somos enquanto seres que habitam este planeta. Não consigo pensar a dança sem conectar o meu corpo e tudo o que ele carrega nesta existência. Escrevo dançando: o que me move como artista e o motivo de eu ter escolhido remexer o baú das lembranças. Não sei se vou conseguir responder minhas próprias perguntas; carrego apenas impressões, percepções e sentimentos de um tempo de vida e de arte que percorrem meu corpo e se misturam à corrente sanguínea — especialmente ao coração, onde a vida existe e a arte pulsa desde sempre.

Nasci no arquipélago de Fernando de Noronha, em 1964, a caçula de uma família com cinco filhos. Meus pais viveram 25 anos na ilha e foi lá que passei a primeira infância. Voltei algumas vezes, em passeios com minha família. Mas só no início dos anos 1990 dancei em Noronha pela primeira vez. Era a festa da padroeira, Nossa Senhora dos Remédios. Apresentamos algumas coreografias em frente à igreja, a convite do Governo do Estado de Pernambuco. Na época, estávamos pela Oficina de Dança do Recife, escola que fundei junto à bailarina, artista e professora Fátima Victor.

Desde aquele momento nasceu em mim a vontade de retornar a Noronha para desenvolver algo mais profundo: conversar com as pessoas, escutar os jovens, as idosas e os idosos, entender o que significava viver em uma ilha no meio do Atlântico, com tantas limitações, e conhecer de perto a realidade do lugar onde nasci e onde meus pais viveram por mais de duas décadas.

Minha forma de pensar a dança sempre foi pelo viés do compartilhar. Sinto que a dança é um processo artístico que todas as pessoas deveriam experimentar um dia. Para mim, ela é a arte mais completa: fala todas as línguas, atravessa movimentos e diálogos, alcança corações.

Em 1993 nasceu, no Recife, o **Grupo Experimental**. Somente em 2010 consegui realizar a primeira visita dançada à ilha de Fernando de Noronha. O projeto que viabilizou a ida foi o edital **Klauss Vianna da Funarte**. Com a pesquisa **“Ilhados”**, fomos em uma equipe de quinze pessoas e passamos uma semana na ilha. Além das entrevistas realizadas, apresentamos o espetáculo Zambo na quadra da escola.

Querer apresentar minha terra e meu lugar sempre foi também uma forma de abrir a primeira casa: receber os afetos que compartilhavam os moveres da nossa dança experimental. Era um encontro entre famílias — a minha e a do grupo — para dançarmos com nossos amores.

O projeto relacionava a ilha próxima ao continente — o Recife Antigo, considerado uma área insular por ser cercado pelos rios Capibaribe e Beberibe e pelo Oceano Atlântico — com o arquipélago vulcânico de Fernando de Noronha e suas 21 ilhotas. Estudávamos nossas ilhas cotidianas, no bairro do Recife, onde nos encontrávamos diariamente para dançar. Memórias pessoais e coletivas se entrelaçavam: histórias particulares, passados e futuros, sonhos e projetos.



Primeira Viagem 2010
foto: Rogério Alves



E assim chegamos a Noronha.
Somos seres insulares.
Pertencemos a nós mesmos, a
esse corpo-ilha que habitamos
nesta dimensão e que, em algum
tempo, deixaremos de habitar.

Primeira Viagem 2010
foto: Fred Jordão





Primeira Viagem 2010 - apresentação do espetáculo ZAMBO do Grupo Experimental na quadra da Escola do Arquipélago
fotos: Fred Jordão



Primeira Viagem 2010 - apresentação do espetáculo ZAMBO do Grupo Experimental na quadra da Escola do Arquipélago
foto: Fred Jordão

Segunda viagem 2014

insular

danças molhadas



Espectáculo Compartilhados,
segundo trabalho da trilogia.
Apresentado no Teatro Hermilo Borba Filho,
Ilha do Recife Antigo
foto: Camila Sérgio

A primeira dança foi **Ilhados - Encontrando as Pontes**: entrelaçar laços, reconhecer amores, fortalecer raízes.

A segunda, **Compartilhados**: infância, cicatrizes, guerras. Noronha, ali, se ergueu em forma de protesto. E, por fim, **Pontilhados**, que rompeu muros e ocupou as ruas do Recife Antigo.

Na circulação **Sobre Ilhas**, em 2014, voltamos a Noronha. Parte do Grupo Experimental apresentou *Ilhados – Encontrando as Pontes e Ela Sobre o Silêncio* na Escola do Arquipélago, reunimos histórias. Mônica Lira e Rafaella Trindade compartilharam memórias, atravessadas pelo silêncio denso de Lilli Rocha, que dançou sobre machismos e proibições. Era como se o mar, em sua vastidão, também nos escutasse.



Espectáculo Compartilhados,
segundo trabalho da trilogia.
Apresentado no Teatro Hermilo Borba Filho,
Ilha do Recife Antigo
fotos: Camila Sérgio



Irmãos: Sônia, D. Lília com Mônica no colo, Heriberto, Ciron e Herbert
foto: acervo pessoal da família



Irmãos: Sônia, Heriberto, Herbert e Ciron
foto: acervo pessoal da família



Mônica
foto: acervo pessoal da família



Heriberto
foto: acervo pessoal da família



ilhados

encontrando as pontes

rafaella trindade



Um convite para mergulhar nas nossas ilhas-
mulheres.

Assim nasce **Ilhados – Encontrando as Pontes.**

Memórias de ventre, encontro sagrado.

Útero, água, mãe, sangue, choro.

Cada uma desaguando em dança os caminhos
percorridos juntas, em comunhão, como reza com
o corpo.

Lançamos no mundo a força dessa união: filha
que é mãe, mãe que é filha, e um oceano
banhando o tempo.

Vento, escuridão, colo.

É nesse mar de delírios que escorre a poesia.

Pele, rugas, fogo, calmaria, pássaros, peixes,
caranguejas.

Som das ondas batendo nas pedras, pés
descalços, azul, imensidão.

Silêncio.

— “Você me escuta daí, mãe?”

Ela me olha e sorri com os olhos, sempre filha.

De mãos dadas agradecemos a travessia e o
sonho realizado.



Segunda Viagem - Card de divulgação do Projeto Sobre Ilhas do Grupo Experimental



insular

um hiato no tempo das ilhas

As águas sempre retornam. Molham, amolecem, lavam nossas durezas. Escorrem de nós o que precisa sair. Pontilhando territórios outros, nos en

contramos em cidades cheias de afetos e amizades. A obra **Pontilhados – Intervenções Humanas em Ambientes Urbanos**, que encerra nossa trilo

gia e também minha pesquisa de mestrado, trouxe a necessidade de pensar Noronha nesse mesmo contexto. Obra-pesquisa que provoca encontro

os com seus moradores, reabrindo caminhos da primeira viagem com o Grupo Experimental. Foram dez anos sem voltar à ilha. E nesse retorno, a

urgência foi outra: fortalecer as mulheres que mergulharam — e mergulham — dentro de mim.

A full-page background image of a sunset over the ocean. The sun is a bright white-yellow circle on the horizon, casting a long, shimmering path of light across the dark blue, wavy water. The sky is a gradient of orange and yellow. The word 'insular' is written in a large, white, lowercase, sans-serif font, centered horizontally and partially overlapping the water and sky.

insular

sonhos de esquecimentos



Somos construídos de pegadas. No solo onde os nossos pisaram, brincaram, correram, viveram, choraram e sorriram. Esse chão é nosso terreiro, nosso terreno sagrado.

Falar de Noronha é falar de uma liberdade tolhida. Estar ilhada no meio do Atlântico, onde a natureza grita e acalenta, onde canta e encanta, abre nossos sentidos para enxergar o que outros territórios não revelam. Noronha é mistério: lavas em erupção transformadas em chão, morada de gente há mais de quinhentos anos.

Mas nem sempre estamos preparadas para olhar o que ficou. Não apenas o que se perdeu, mas o que nunca tivemos. O que a memória não quis guardar — ou que, para nos proteger, apagou com uma borracha para nunca mais voltar.

O sonho de uma criança é sempre mais que capricho. Pode ser trilha de futuro. Mas não lembro se sonhei. Lembro de quase nada. Sempre me pergunto por que não consigo enxergar minha criança. As fotos ajudam, mas nem sempre estão lá.

Essa caminhada de retorno foi como um desenho animado: rápido, de costas para o oceano de sensações. Permaneço no esquecimento. Talvez pudesse ter investigado a ausência de lembranças. Porque onde há silêncio, sempre há algo a ser contado. Mas quem contará essa história, senão eu — sem memória?

As lembranças me visitam como estrelas cadentes: surgem e logo caem, mergulhando no oceano, apagando-se antes de qualquer pedido. Assim sigo, sem lembrar.

Escrevo para organizar — ou desorganizar — os fluxos de uma infância em branco. Uma criança proibida de frequentar a escola por não conseguir calçar sapatos fechados e meióes até os joelhos: tinha uma alergia muito forte nos pés e, nas crises, mal conseguia andar. Mas de onde vieram as regras, as proibições de uma ilha comandada por militares? Aprendi a ler e a escrever com minha mãe (D. Lília); só frequentei escola no Recife, e já tinha sete anos. A última filha que não vê sua casa. Que não recorda como foi viver num lar sem amor. Quando os irmãos partiram para o continente, restou a permanência — entre eles, com eles.

E, nesses rastros familiares, trago sobretudo a história da minha mãe — invisível nos livros sobre Noronha. Num tempo em que ainda se podia nascer na ilha, ela, Dona Lília, via as dificuldades e decidiu fazer um curso de parteira em Natal (RN), para receber as vidas que brotavam em Noronha. No dia do meu nascimento, precisou contar com a ajuda de uma vizinha, que realizou os procedimentos. Foi um parto difícil, por conta de uma hemorragia, mas sobrevivemos — e declaro aqui minha gratidão a essa guerreira que me cuidou, para que eu pudesse dançar e também viver a maternidade com meus amores Rafaella Trindade e Caio Trindade, amores que compartilho com meu companheiro Alberto Trindade. Assim, dando continuidade à sua caminhada na terra. Durante anos, minha mãe cumpriu essa missão de acolher nascimentos e, a cada criança, era escolhida madrinha. Guardo comigo uma cena: Na minha primeira ida a Noronha, nos anos 1990, fui com artistas que sonhavam em fazer o passeio de barco para mergulhar com golfinhos. Era caríssimo, inacessível para nós. Depois de várias tentativas, uma moça nos deu um preço altíssimo. Já quase sem esperança, contei que era noronhense e que meus pais haviam morado na ilha por mais de vinte anos. Ela me perguntou o nome deles. Então, reconheceu: minha mãe foi a parteira que a colocou no mundo. Disse: “sua mãe é minha madrinha”.

Naquele instante, o impossível aconteceu: ganhamos o passeio de barco e ainda um almoço em alto-mar, peixe pescado na hora. Um presente de gratidão.

Meus companheiros artistas ficaram radiantes. Me perguntaram: “por que você não contou essa história antes?”. Eu apenas sorria. Para mim, o mais importante foi sentir o reconhecimento e a gratidão à história da minha mãe. É por isso que escrevo: para lembrar o que faltou ser contado. Apesar das incongruências, das dores e aberrações, Noronha também é feita de belezas e histórias bonitas. Essas nunca se perdem, quando contadas.





Família
fotos: acervo pessoal da família





insular

ondas sonoras de outros tempos e moveres

Meu pai (Sr. Alfredo) e minha mãe (D. Maria Glória) nasceram em Souza, na Paraíba. Ele chegou primeiro a Fernando de Noronha como soldado durante a Segunda Guerra Mundial; dois anos depois, quando o conflito já havia terminado, minha mãe também aportou na ilha. Naquele período, Noronha era uma base militar em parceria com os Estados Unidos, comandada por oficiais. Foi nesse cenário que meu pai se apaixonou pela ilha. Mesmo após concluir o serviço militar, decidiu permanecer e trabalhar na administração local como civil.

Das poucas histórias que guardo dele, uma sempre me marcou: sem banco na ilha, meu pai criou um sistema próprio de confiança. Transformou caixas de sapato em um “guarda-roupa bancário”, escrevendo o nome de cada cliente em cada caixa. Os moradores recebiam seus pagamentos e confiavam a ele o dinheiro. Tornou-se guardião de sonhos e necessidades. Também vendia cigarros — não porque fumasse ou bebesse, mas como forma de controlar os amigos. Naquele tempo, ele também criava animais, prática comum na ilha e hoje proibida. Até hoje, quem lembra do senhor Queiroz o faz com carinho, como homem simples e generoso, querido na rua e entre amigos.

Eu, caçula de cinco filhos, fui muito paparicada pela família. Meu pai era carinhoso com crianças, e comigo também deve ter sido na infância, não lembro, embora mais tarde o convívio tenha se tornado difícil. Lembro de um episódio quando voltamos juntos a ilha, já dolescente: mesmo sem saber nadar bem, pulei no mar próximo aos golfinhos. A corrente me levou para longe e nadei desesperada, quase sem fôlego. Ele me observava atento, pronto para se lançar se eu não conseguisse voltar. Quando alcancei o barco, ofegante, recebi dele apenas o olhar silencioso de quem sempre foi mais vigia do que afeto.

Senti falta desse pai amoroso e presente — muitas vezes frio, grosseiro, machista, sem nenhum diálogo ou orientação educacional, e ainda causou sofrimento à minha mãe. Nos meus 15 anos, não recebi dele nenhuma lembrança, ou mesmo um parabéns. A ausência de um gesto tão simples deixou uma marca profunda... Esse silêncio nos afastou. Mas reconheço que foi ele quem um dia escolheu viver em Noronha e, com isso, deu a toda nossa família o privilégio de ter parte da vida neste paraíso. Ele (Sr. Queiroz) e meu irmão caçula (Heriberto) se encantaram e hoje possivelmente devem flutuar no céu estrelado de Noronha.



Heriberto, Mônica e Sr. Queiroz
foto: acervo pessoal da família



Família
foto: acervo pessoal da família



terceira viagem 2024

insular

um caminhar de volta

Sou composta por corpos femininos.
Mas no coração cabem todos os que quiserem pousar e dançar.

Voltei à ilha.

Dessa vez, a pesquisa se propôs a caminhar em direção a um despertar, um renascer, o encontro com minhas águas internas.

Era necessário ancorar na memória, nas águas de origem.

Convidei comigo:

Rafaella Trindade – filha, artista da dança, pesquisadora do corpo experimental.

Silvia Góes – multiartista, dramaturgista em Pontilhados.

Christiane Galdino – artista, pesquisadora, produtora do grupo.



Levamos a Noronha esse feminino.

Proposições de trocas maternais e afetuosas, uma pesquisa molhada, melada de mulheridades. Esse foi o mover principal do encontro Insular.

Do apagamento de tantas mulheres que fizeram tanto em suas vidas insistentes neste planeta, nasce meu olhar para aquelas que não escreveram história, que sequer foram lembradas, que tiveram sonhos cerceados.

Nem sempre os protagonistas são os mais importantes – porque todos nós carregamos valores, importâncias. Cada percurso vivido nesta terra deveria ser celebrado, reverenciado.

Ser mulher por aqui é, de fato, enfrentar guerras permanentes contra o machismo, o patriarcado, a misoginia, a aporofobia.

E tantas vezes perder, porque são guerras desiguais, violentas, cruéis.

Ainda assim, insistimos.

E dançamos.

Nessa viagem, contamos com o incentivo do **Funcultura** e com o apoio local da **Administração da Ilha**, através do Superintendente de Educação, **Amaro Miguel**. Toda essa articulação só foi possível graças a **Andrea Vasconcelos**, que esteve conosco desde o início, cuidando da organização e nos recebendo de forma generosa em Noronha. As aulas das oficinas aconteceram no **Centro Integrado de Educação Infantil (CIEI) Bem-me-Quer**, um espaço que acolheu nossa pesquisa e possibilitou encontros repletos de troca, sensibilidade e partilha.



Equipe da pesquisa
fotos: pesquisa Grupo Experimental



Palestra Semana da Mulher - Noronha
fotos: Acervo Grupo Experimental

Um pouco antes de realizar a terceira viagem, fui convidada pela Gestora de Projetos da Educação Andrea Vasconcelos para uma ação dentro da Semana da Mulher em Fernando de Noronha, um encontro com jovens da Escola EREM Arquipélago. Propus uma conversa dançada – corpo, mulher, liberdade, que aconteceu no Memorial Marieta Borges. Na ocasião pude falar da nossa pesquisa e apresentei parte da pesquisa de Pontilhados, com as mulheres que também compartilho aqui. Ao final a partir de uma dinâmica, os jovens acabaram desenvolvendo um movimento circular e coletivo finalizando com uma dança improvisada.



para ver a matéria da entrevista clique aqui



The background of the entire image is an aerial photograph of a body of water. The water is a vibrant turquoise color, and it is covered with intricate, white, lace-like foam patterns that resemble coral or delicate webbing. These patterns are scattered across the surface, with some areas being more dense than others. The overall effect is a textured, organic, and visually striking background.

insular

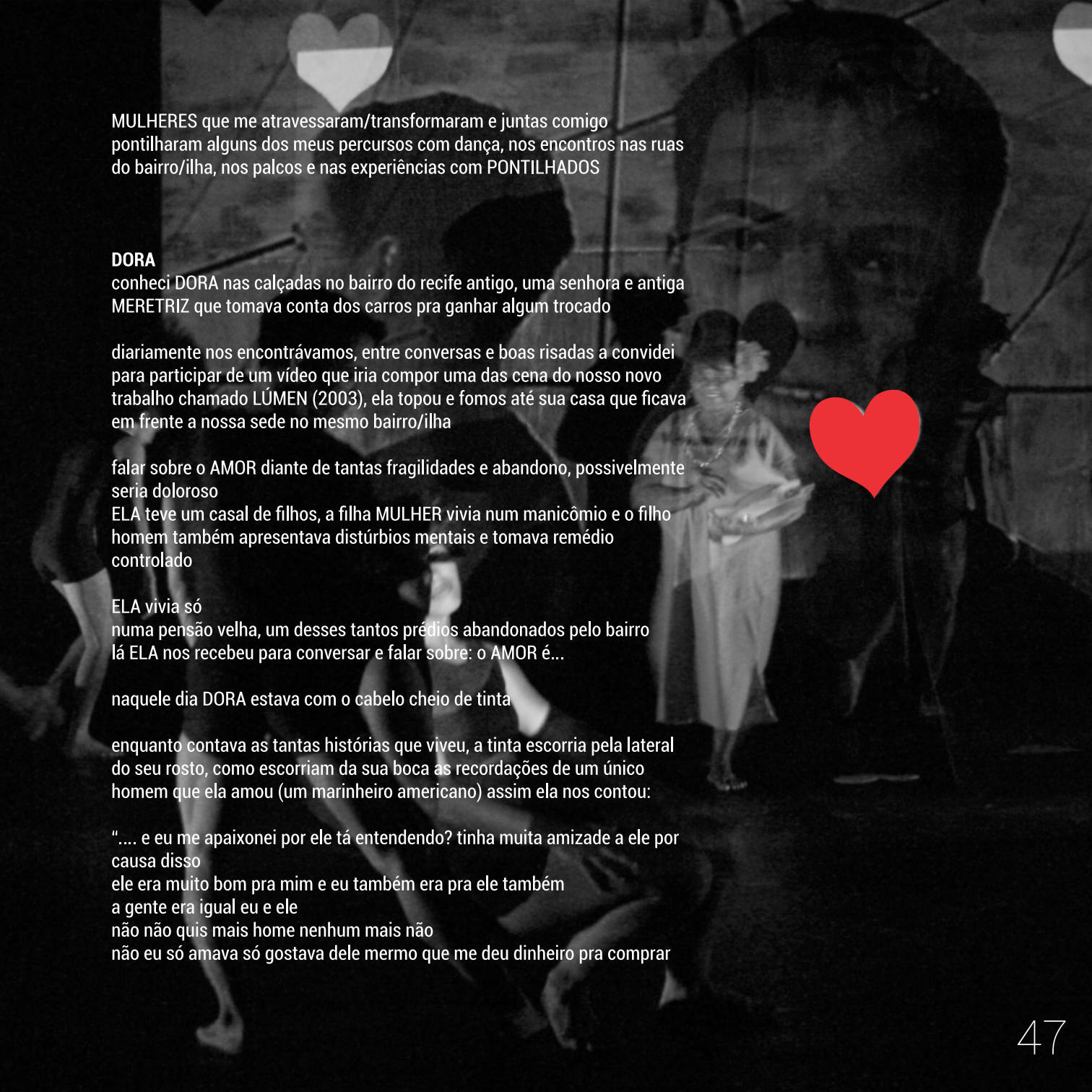
pontilhada por elas



Entre Doras, Therezas, Madonas, Das Neves, Lílias, Marias, Izabeis, Anas Paulas, Pitucas, Nanetes... apresento um recorte dessa pesquisa: como elas impactam minha construção artística.

Na experiência acadêmica do mestrado na UFBA, pude contribuir com o quarto volume do livro *Ágora*, ao lado da querida artista e amiga Geórgia Palomino, no capítulo **“Mulheridades esquecidas em trajetórias dançadas”**. Desde sempre fui tocada pelas lutas dessas mulheres: as que me ensinaram cedo, em casa, com minha mãe e minha avó; as que encontrei na arte e nas ruas; as que caminharam ao meu lado em jornadas dançantes. Algumas já encantadas, que hoje se juntam às que seguem movendo suas forças femininas.

Penso este momento como guiança e abertura de caminhos. Como uma ciranda que celebra cada passo e cada rastro deixado por essas mulheres, mesmo aquelas que eu gostaria de ter mudado o destino, mas cujas histórias ecoam em nós.



MULHERES que me atravessaram/transformaram e juntas comigo pontilharam alguns dos meus percursos com dança, nos encontros nas ruas do bairro/ilha, nos palcos e nas experiências com PONTILHADOS

DORA

conheci DORA nas calçadas no bairro do recife antigo, uma senhora e antiga MERETRIZ que tomava conta dos carros pra ganhar algum trocado

diariamente nos encontrávamos, entre conversas e boas risadas a convidei para participar de um vídeo que iria compor uma das cenas do nosso novo trabalho chamado LÚMEN (2003), ela topou e fomos até sua casa que ficava em frente a nossa sede no mesmo bairro/ilha

falar sobre o AMOR diante de tantas fragilidades e abandono, possivelmente seria doloroso

ELA teve um casal de filhos, a filha MULHER vivia num manicômio e o filho homem também apresentava distúrbios mentais e tomava remédio controlado

ELA vivia só numa pensão velha, um desses tantos prédios abandonados pelo bairro lá ELA nos recebeu para conversar e falar sobre: o AMOR é...

naquele dia DORA estava com o cabelo cheio de tinta

enquanto contava as tantas histórias que viveu, a tinta escorria pela lateral do seu rosto, como escorriam da sua boca as recordações de um único homem que ela amou (um marinheiro americano) assim ela nos contou:

".... e eu me apaixonei por ele tá entendendo? tinha muita amizade a ele por causa disso

ele era muito bom pra mim e eu também era pra ele também

a gente era igual eu e ele

não não quis mais homem nenhum mais não

não eu só amava só gostava dele mesmo que me deu dinheiro pra comprar

minha casa né não vou negar
foi ele que me deu dinheiro pra comprar minha casa eu não vou negar
pronto hoje em dia é caxão e vela preta
agora eu fui a falença no money, no house, i'm hungry (sorrisos)
eu fui a falença..."

o vídeo final apresentava um mosaico de depoimentos e pessoas
diversas, mas o depoimento de DORA me arrebatou de tal maneira que
ela virou protagonista, além do vídeo a convidei para entrar em cena

com exagerado de cazuza interpretada por arnaldo antunes DORA
entrava num vestido vermelho, rosa vermelha no cabelo, uma
dentadura nova e muitos sorrisos, numa coreografia feita por ela em
que distribuía corações vermelhos pelo chão enquanto os bailarinos
dançavam

a cena se tornou dela e assim vivemos muitas experiências juntas e
com o grupo experimental, apresentações, viagens e uma amizade foi
se fortalecendo sempre regada de muita alegria, boas risadas, suas
contações de histórias e experiências sexuais com seus clientes

alguns poucos anos se passaram e num determinado dia fui
convocada pela polícia para entrar no quarto de DORA e fazer o
reconhecimento do corpo um infarto fulminante a levou de nós



silêncio



continuamos realizando algumas
apresentações de LÚMEN sem ELA
e o seu SORRISO

não tínhamos mais o SORRISO,
porém sua presença parecia permanecer
entre nós: nas esquinas, ruas, becos
e calçadas do nosso bairro

e sempre chegava a mim os seus pedidos,
como rezar uma missa



DORA, TEREZA, DAS NEVES, MADONNA DOS CACHORROS

ainda sigo dançando com ela ao meu lado

DORA também nos apresentou outras amigas MERETRIZES, como TEREZA, DAS NEVES e MADONNA. que também tiveram seus amores e como DORA seguiam no bairro cuidando dos carros para ganhar algum trocado quando já não podiam trabalhar

falas de tantas outras que viveram para satisfazer e proporcionar prazeres aos homens

as paixões também chegavam fortemente e enlouquecidamente para ELAS

um AMOR desmedido e regado de muito abandono e desprezo

DAS NEVES também era nossa vizinha e vivia na esquina da nossa rua, sentada numa cadeira e com as pernas descansando em cima de um tamborete para olhar os carros que chegavam

TEREZA não morava mais no bairro, vivia longe, mesmo assim

permanecia e voltava ao bairro nas missas e casamentos aos finais de semanas para também tomar conta dos carros granfinos

pareciaM que ELAS não conseguiam abandonar um lugar cheio de memórias, chão de uma vida inteira

DAS NEVES também morre logo depois de DORA e TEREZA não retorna mais pro bairro aos finais de semana

aos poucos aquele lugar e suas ruas iam sendo habitadas por outros corpos e corpas, não mais encontrarmos aquelas MULHERES que dançaram, amaram, beberam, choraram, sorriram numa época de glamour

noites de embriaguez e delírios outros habitam por ali agora...

MADONNA DOS CACHORROS também meretriz do bairro, tida como louca, mas sã no quesito do AMOR por seus cachorros

morava com eles nas calçadas do bairro/ilha, onde comiam, dormiam e andavam juntos

MADONNA também se foi de forma precoce, deixou de alegrar as ruas do Recife antigo com suas danças pela madrugada a dentro, suas cantorias em inglês e as que ela mesmo compunha a loucura presenteada de muita alegria e embriaguez deixa saudade no bairro





DORA, TEREZA, DAS NEVES, LILIA, SILVIA GÓES, MADONNA DOS CACHORROS, MARIA DEGOLADA, CHEIROSA

as MULHERES sempre atravessaram a minha vida de forma muito forte, talvez por ser filha de uma guerreira (DONA LILIA) , costureira, que me trouxe ao mundo em 1964 numa ilha comandada por militares e como era a única parteira do lugar pariu sozinha, uma hemorragia quase a levou de mim
somos sobreviventes nas nossas ilhas

ILHADAS por tantas águas e tantas outras MULHERES a arte da minha dança sempre esteve acompanhada de um feminino forte
protagonistas de suas próprias atitudes, escolhas, loucuras, alegrias e tristezas

escrevo dançando um pouco dELAS que habitam em mim numa partitura de movimentos e poesias comportadas e não comportadas

em 2016 iniciei um passeio dançado pelo território do recife antigo por onde andei por mais de duas décadas e ocupei três dos prédios que abrigaram nossos dançares e sonhos

um passeio conduzido por fones de ouvidos, onde o público escuta histórias, músicas, poesias, depoimentos e uma narrativa composta por uma dramaturgia escrita por ELA (SILVIA GOES)
em algumas das minhas obras o feminino sempre esteve fortemente representado, em PONTILHADOS trouxemos para esse passeio dançado todas ELAS carregadas de suas vulnerabilidades invisíveis, DORA me acompanha outra vez como protagonista

quando nos aproximamos de algo ou alguém pode ser que num primeiro momento não percebamos como esses

encontros ficam guardados colecionei todas ELAS num imaginário que nem eu mesma sabia, esses momentos pra mim enquanto artista, vem pro mundo em forma de dança e poesia

um dia DORA me confessou ao guardar os carros num dia de casamento, quando a alta sociedade do Recife ocupava as ruas da ilha e desfilava suas ostentações com seus carros e figurinos luxuosos, ELA falou:

"ah dona mônica, quando vejo uma noiva esperando pra entrar nessa igreja (madre de deus), fico sonhando de como eu gostaria de poder um dia casar vestida de noiva e ter minha família..."
essa frase ficou guardada em uma das gavetas das minhas memórias e numa criação intuitiva como muitas das que concebi, coloquei uma noiva/prostituta iniciando o percurso de PONTILHADOS

"...Recife ilha sobre as águas pelo homem erguida em pedras e sonhos abaixo dos teus pés além do que não é tudo é líquido e passa..."

DORA se fez presente na obra e com ela trouxe sua história de AMOR

uma MULHER

abandonada

cidade

mais voltar



um marinheiro

no porto da

ele se foi pra nunca

no decorrer do passeio/dança outras dELAS surgem algumas contam com sua própria voz as experiências dos seus amores:

"... eu caí do segundo andar aconteceu o que aconteceu aí eu me joguei aí me socorreram botaram eu num carro levaram pro hospital... oia eu não morri porque não era minha hora..."

TEREZA que narra ao público o dia que tentou suicídio pulando do chateau, onde quis morrer por AMOR, mas não conseguiu...

dançamos naquela faixa, em frente ao prédio a música do AMOR de TEREZA

quem teria conhecido a sua história

possivelmente os jornais da época noticiaram a tentativa de suicídio, enquanto isso os tapuros saíam da ferida que se formou em sua cabeça

continuou viva para nunca mais ver o seu AMOR, não sabemos mais de TEREZA, não sabemos mais de TEREZA

na mesma rua marquês de Olinda outro corpo surge no meio do passeio/calçada onde cochicha aos ouvidos a voz da MADONNA DOS CACHORROS cantando um corpo ao longe parado, aguarda o público

convocando a todos para acompanhá-la

um sentimento talvez, um olhar fixo interrogativo, provocativo, desafiador.... sabe-se lá que fome conhecemos? que abandono vivenciamos? que desamor praticamos? MADONNA nos ensinou o amor pelos bichos, podemos aprender sempre

o AMOR não tem endereço nem calçada certa

quantas destruições cabem numa obra como PONTILHADOS não deveríamos apenas construir?

reverenciar essas MULHERES esquecidas, ignoradas, completamente invisíveis diante do olhar de tantos humanos

a obra passou por duas outras cidades (porto alegre e são paulo), levamos junto nossas MULHERES e encontramos com MARIA DEGOLADA e outras anônimas mas com a mesma importância

já estávamos em 2018

ainda em são paulo DORA me mandou um recado: "fala pra ela, que ela esqueceu de mim"

logo lembrei da nossa primeira dança em LÚMEN, agora a dama de vermelho volta para ocupar uma encruzilhada toda vestida de vermelho, sendo com um véu cobrindo seu rosto e em volta dos casais dançantes distribuía seus corações pelo centro histórico de são paulo numa zona antiga de prostituição

voltamos pro Recife e em 2019 DORA ocupa a rua da guia com a mesma dama de vermelho

de todas que se foram CHEIROSA (assim chamada) foi a única que em vida nos acompanhou e acompanha

uma parceria permanente com PONTILHADOS em Recife

ocupamos um pedaço de sua casa com nossas danças



no primeiro momento nos recebeu de forma rude e agressiva até cocô fez num trecho onde nos deitávamos para dançar no chão

mas nada como o diálogo atenção escuta e AMOR

esse mesmo chão seria lavado por ELA mesma em outras ocasiões

agora nós cuidamos uma da outra, dançamos juntas

e um de seus cachorros fazia participação especial e recebia cachê
CHEIROSA trazia o seu AMOR e cedia para nossa MADONNA
dançada por GARDÊNIA

e assim seguimos nossa ciranda feminina mesmo com quem já não
passeia por essas ruas

"... ruas que nunca desvendaremos inteiras mesmo se estivessem
nuas..."

DORA PRESENTE, DAS NEVES PRESENTE, TEREZA PRESENTE,
MADONNA PRESENTE



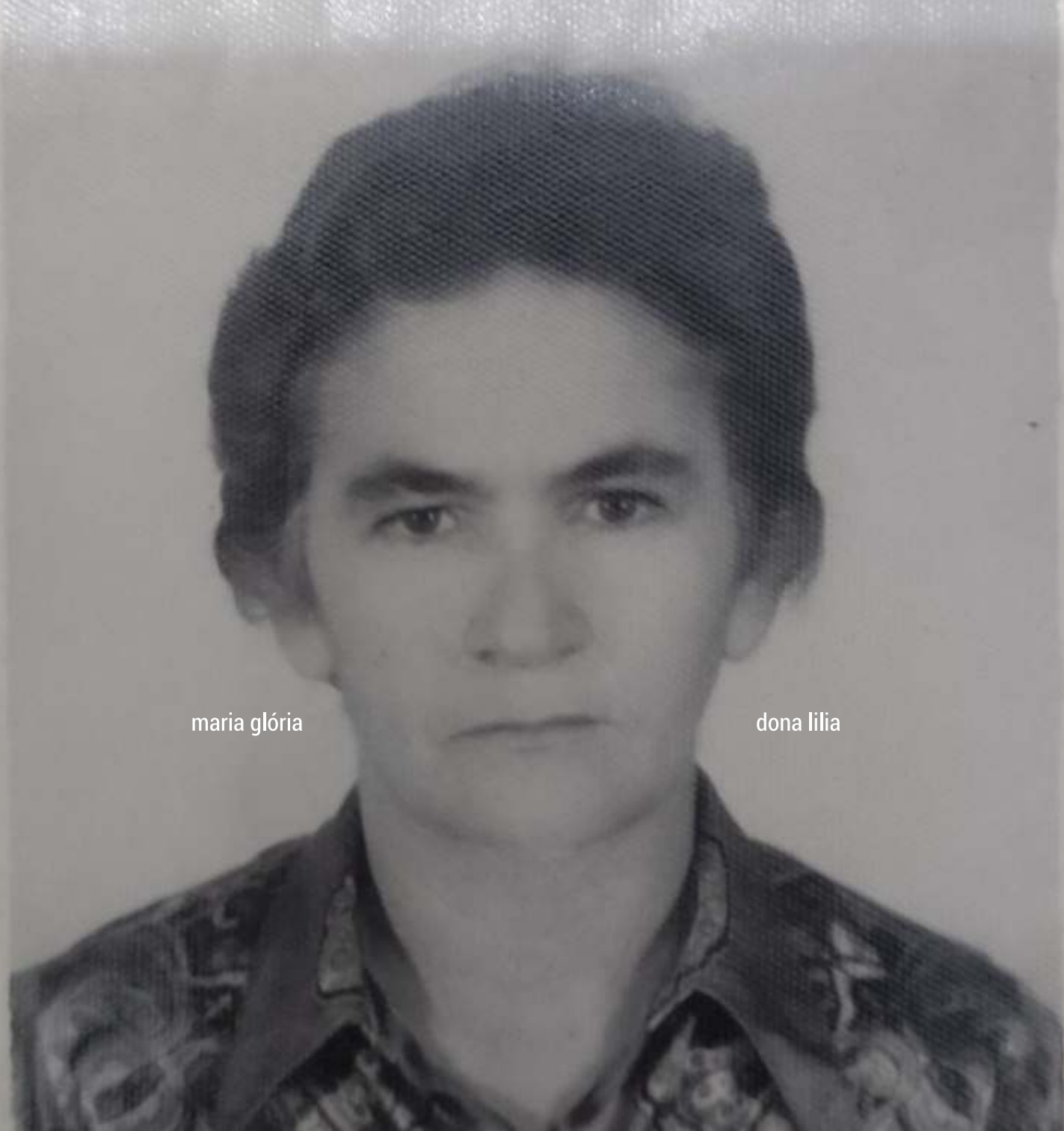


Primeira Viagem - Rafaella e Mônica
foto: Rogério Alves

Mesmo com um nome masculino, a ilha é mulher.

Mesmo erguida como base de guerra, onde o mar virou sangue e homens foram soterrados em prisões, a violência também habitou os lares: mulheres encarceradas dentro das próprias casas. Nem sempre a morte é o que destrói uma trajetória. Viver sem liberdade de ser e de se expressar é violência que apaga sonhos.

É por meio dessas mulheres que falo de uma ilha feminina. Porque o que constrói um lugar são as pessoas: seus moradores, descendentes, gerações que escrevem a terra com suas próprias existências.



maria glória

dona lilia



Família
foto: acervo pessoal da família

Ela morou 23 anos em Fernando de Noronha. Mãe, parteira, costureira...nunca se calou diante de tantas castrações. Na ilha se dedicou a cuidar das pessoas, lutar pelos seus direitos. Maria Glória, mais conhecida como dona Lília, carrega a força e a dureza de uma mulher que viveu cheia de proibições.

Aos 94 anos, mesmo com algumas lembranças já esquecidas pelo tempo, nos conta como foi morar na ilha por tantos anos, em plena ditadura militar. Em uma conversa no terraço de casa, ela nos faz refletir sobre a importância de mulheres como ela e de tantas outras que vieram antes. Lugar de mulher é onde ela quiser! Lhes apresento Dona Lília, mãe de Mônica, minha avó, e é dela que vem tamanha bravura para chegarmos até aqui.



para ver a entrevista de dona lília clique aqui

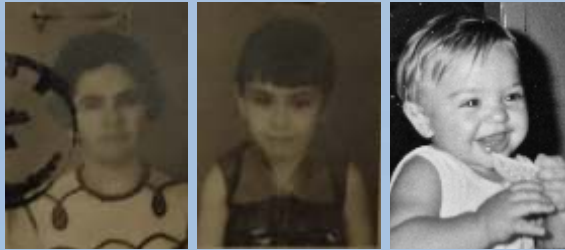


Dez anos após a última dança, voltamos a Noronha. O retorno carregava um peso imenso: respeito ao território onde minha família viveu, onde eu e três dos meus irmãos nascemos. Chegamos com desejo de escutar mais, trocar mais, sentir mais, dançar mais, tocar mais. Foram três oficinas, entrevistas e performances nas ruas, pedras e ladeiras da ilha.

Dividir esse momento com parte de mim — minha alma mulher, mãe e artista. Para conhecer ainda mais essa Noronha feminina, vivemos um turbilhão de informações, moveres, escutas, sorrisos e afetos. Cada encontro foi uma maré, uma onda que nos atravessou.



memórias mulheres-águas



rafaella trindade



Sempre escutei da minha avó a seguinte frase: "Eu detesto aquela ilha, fazer o que lá? Nem se me derem de presente uma passagem eu volto naquele lugar". Da minha mãe, entre suas vagas lembranças da infância, uma delas ficou marcada na minha memória. Uma alergia nos pés, que formava várias bolhas e ela não conseguia ir para a escola porque não aguentava calçar um sapato, e sem sapato não entrava na escola.

Além dessas, outras conversas na sala de casa. Entre elas, escutava minha avó repetir que não gosta de homens, que teve que enfrentar muitos deles para conseguir ser ouvida na ilha. Ela ainda dizia que os melhores alimentos que chegavam eram destinados aos militares e suas famílias, que a sobra ficava para os civis. Foram diversas humilhações e muitos "nãos" que fizeram essa mulher, mãe, parteira, ir embora de Noronha para nunca mais voltar. Uma ilha que se divide entre o sonho de umas e o pesadelo de outras.

E eu... o ano era 2010, pisei na ilha pela primeira vez com o Grupo Experimental. Da janela do avião, o frio na barriga de observar aquele imenso azul e pensar: dali que eu vim, é dessas águas que vem a minha história. Encantamento. O mergulho estava apenas começando. Desde então, voltei para Fernando de Noronha mais duas vezes, todas através da dança. Os mergulhos foram ficando cada vez mais profundos. Fui chegando mais perto das pessoas que moram ali, entendendo o capitalismo selvagem ao qual se submetem, o turismo predatório que invade a ilha. A cada conversa, sentia minha história voltando. A minha e a da minha origem, dos úteros de onde vim, esses oceanos nos quais mergulhei e morei antes desse aqui. Algumas vezes até escutava a voz da minha avó, como se estivesse ali, do meu lado, sussurrando ao meu ouvido, concordando com alguns, debochando de outros, mas sempre comigo.

Carrego em mim essas mulheres-águas que me colocaram nesse mundo. É para elas que também escrevo esse relato. É da força desse mar que me ergo, por isso minha vida é sempre perto das águas. Preciso sentir esse movimento que me atravessa e atravessar essas ondas, silenciar para escutar. "Eu amo a falta de silêncio do mar...", diz em canção "Falta de silêncio" da nossa rainha Lia de Itamaracá.

Noronha em mim é casa, porto, abraço. Diferente da minha avó, é para onde sempre quero voltar.

ando sonhando pedras acontecidas em intervalos

silvia góes

Tudo assombra e encanta numa mesma respiração — oceânica, insular. Subidas e descidas, é tudo enladeirado em todos os sentidos. Para criar o que pode se tornar um novo Pontilhados, preciso andar devagar, escutar, fechar os olhos, estar.

Piso sentindo a quentura das pedras através das sandálias: escuras, escorregadias. Memórias de lavas que deram origem ao que vejo agora. Caminho entre o fogo dos sonhos e as marcas da crueldade humana, estampadas nos canhões, nas grades, na história. Relembro: aqui os nascimentos se tornaram raros. O que enraíza na ilha, então? Pergunto... 2,6 mil habitantes, diz o folheto disponível a turistas e visitantes que cato na passagem.

Acabo de chegar e sou toda espanto e estranheza, estrangeira aqui como em toda parte. Mas basta o cheiro do mar, basta a rouquidão dos ventos, basta o canto que envolve — estou em casa. Afinal, depois de muitas brigas nesse chão, tanto sangue derramado, é de Pernambuco que somos, eu e você, nordestina irmandade em territórios ancestrais cravados de histórias e línguas plurais.

Espécies exóticas enraízam hospedeiras. Trazidas por mãos, ventos, acidentes. Nem tudo nasceu aqui porque quis, nem tudo nasceu aqui quando quis. Cultivo de sonhos e sementes alheias que vingaram no solo desse barro debaixo do chão, por desejo ou apulso, a preservação radical da multiplicidade da vida "Oitenta por cento da vegetação da ilha hoje é dessa espécie invasora", me diz Marco Aurélio — o Maguinho — durante a entrevista. Caminhamos em grupo, acompanhando os desejos de reencontros junto com Mônica, buscando com ela outras vozes e fontes pontilhando suas memórias de infância. Quanta honra e que sorte poder ouvir essa ilha, essa voz, essas vozes... Peço licença aos vivos e mortos que seguram esse céu para entrar e dançar, com muito respeito!

Dias seguintes...

Mar de Dentro. Mar de Fora. Sueste, Leão, Golfinho, Sancho, Caieiras, Atalaia. Vozes que ecoam no corpo, a poética que me habita em relação com o território que me constitui e o que me atravessa e enraíza outras vidas na carne. Há sempre terra por fim, brotando vestígios de nós, mesmo no profundo mais fundo das águas...

Noronha: Ilha-exílio de povos ciganos perseguidos e de tanta gente ensombreada por 'neuronhas' geradas por tudo que fica e encarna e cristicamente contorna o abraço estonteante e violento da beleza que rosna por todo lado.

A selvagem em mim se atíça. Ilha-presídio de um tempo que ainda choro em saber. O corpo baba, sua e sangra. Entre ilhas há mares, a-mares, amar... Sim. Ama. Meu corpo se apaixona e ama esse azul estonteante que por um momento me devora inteira sob a luz solar, dourado, o privilégio de estar aqui, testemunha de tanto...

Deito os olhos sobre o caderno de criação, a imagem de Frida Kahlo me acompanha "Pies, ¿para qué los quiero si tengo alas para volar?" Há sempre algo que encontramos antes pelos caminhos que segue conosco ao próximo porto.

É alto o topo das pedras. É preciso fôlego.

É preciso sopro para cantar: AR-QUI-PÉ-LA-GO.

O que nos conecta ao fundo, entre ilhas e estrelas que encontram o mar por todos os lados?

Em confluências e partilhas, em vozes múltiplas e experiências singulares, traçamos as linhas do nosso Pontilhados Fernando de Noronha.

O desejo de voltar, me move!

entrevista com ana paula



Ela chegou em 1991 com um bebê pequeno e logo engravidou do segundo. Em 2003, nasceu o rebento mais moço. Não, ele não nasceu no arquipélago. Não se podia parir na ilha, era lei. Só que Paula também não podia embarcar para parir no continente porque a gravidez já ia longe, no tempo de Cauã nascer. Lutou para ficar, lutou para ir. Teve que viajar a qualquer custo, o menino já querendo vir ao mundo e aí foi assim, direto ao parto em Recife e depois não podia voltar para casa com o bebê recém-nascido e outra vez, lutou. Nascida no Morro da Conceição e neta de Chico da Horta, dos antigos habitantes de Noronha, chegado pelo final dos 40, na época do presídio. Luta, luta, luta é seu Sul e a sua raiz, pelo povo pobre, pelas mulheres, pelos direitos, pela ética política, por uma gestão mais justa dos recursos! Eu digo que a gente é guerreira nordestina numa ilha machista. Mas a ilha é uma mulher né?"

para ouvir a entrevista com ana paula clique aqui



belezas da ilha

chris galdino

Já há algum tempo firmei um “compromisso sério com a beleza” – no sentido mais amplo, profundo e, ao mesmo tempo, simples do termo. Escolho os itinerários pela boniteza do caminho. Exercito diariamente os olhos da alma para enxergar o belo até nas entrelinhas, nas sutilezas e nas delicadezas da estrada mais árida.

Mas quando a beleza vem exuberante, farta, rodeando e invadindo por todos os lados, é preciso preparo. Preparo para não neutralizá-la ao ponto de perder o encantamento. Preparo para que os ciscos das dificuldades não encubram o deslumbramento.

Noronha é esse reino da beleza. Faz o olho brilhar, instala em nós um arrebatamento imediato. Ainda assim, quando estamos a trabalho no lugar onde tantos vão a passeio, enfrentamos desafios para realizar qualquer produção. O que em outro território parece simples, aqui pode se tornar quase impossível.

As muriçocas em excesso e os repelentes a oitenta reais. O toró fora de hora que nos obrigou a comprar capa de chuva em plena praia. A lama das estradinhas de barro. A dificuldade de comunicação com gestores de espaços. A demora do ônibus. As moscas do refeitório. São muitos os obstáculos com poder de embaçar o olhar.

E mesmo assim escolhemos seguir. Por quê?

Porque a arte dá sentido. Abre espaço para que uma vida cultural floresça. Oferece possibilidades de libertação frente às amarras vorazes do capitalismo que insiste em querer se tornar dono das belezas.

E aí... o povo. Foi na humanidade das gentes que encontrei as lindezas mais verdadeiras, fortes e resistentes. É isso que faz valer a pena e sustenta a dança. Criar memórias, semear futuros, tecer novos destinos.

Por isso, voltarei sempre. Sempre vou querer estar ilhada.

entrevista com daniela mesquita



para ver a entrevista de dani clique aqui



Uma ligação que começou cedo: aos 13 anos de idade, Daniela Mesquita foi pela primeira vez a Noronha, em 1987, acompanhando o pai, Fernando, que assumiria no ano seguinte a função de governador da ilha — então distrito federal. Desde aquela visita, Daniela entendeu que havia encontrado seu lugar preferido no mundo. Entre idas e vindas, acumulou muitos anos de convivência intensa com o arquipélago, experiência que traduziu em livros que exaltam personagens locais, dando voz e protagonismo àqueles que muitas vezes permaneciam invisíveis.

entrevista com ikaro silvestre

para ouvir a entrevista com ikaro silvestre clique aqui



Íkaro Silvester carrega o orgulho de ter nascido na chamada “era de ouro”, quando ainda era possível nascer na ilha, no Hospital São Lucas. Para ele, ser “nascido e criado em Noronha” é um pertencimento que não alimenta o desejo de sair.

Aos 23 anos, Íkaro coleciona conquistas e feitos que revelam a maturidade de uma alma antiga em corpo jovem. Conversar com ele é mergulhar nos encantos e paradoxos de alguém que traduz, em cada gesto, sua paixão pela ilha.

oficinas insulares

para ver as oficinas clique aqui



grupo experimental

insular

OFICINAS

corpos insulares e suas danças

O movimento e a voz da poética que me habita em relação com o território que me atravessa e enraíza.

01 a 06 de abril
18h30 às 22h
Espaço Cultural Bem Me Quer (área externa)
Fernando de Noronha

Transformando ideias em projetos culturais; oferecendo instrumentos de profissionalização das produções artísticas para a realização de sonhos.

projetando

para inscrições
acesse link na bio
@grupoexperimental

realização: grupo experimental

apoio: FUNDAÇÃO DE CULTURA, FUNDAÇÃO DE CULTURA, FUNDAÇÃO DE CULTURA

incentivo: FUNDAÇÃO DE CULTURA, FUNDAÇÃO DE CULTURA, FUNDAÇÃO DE CULTURA



grupo experimental

insular

OFICINA

corpos insulares e suas danças

O movimento e a voz da poética que me habita em relação com o território que me atravessa e enraíza.

01 a 06 de abril
18h30 às 21h
Espaço Cultural Bem Me Quer (área externa)
Fernando de Noronha

para inscrições
acesse link na bio
@grupoexperimental

realização: grupo experimental

apoio: FUNDAÇÃO DE CULTURA, FUNDAÇÃO DE CULTURA, FUNDAÇÃO DE CULTURA

incentivo: FUNDAÇÃO DE CULTURA, FUNDAÇÃO DE CULTURA, FUNDAÇÃO DE CULTURA



grupo experimental

insular

OFICINA

projetando

Transformando ideias em projetos culturais; oferecendo instrumentos de profissionalização das produções artísticas para a realização de sonhos.

01 a 06 de abril
21h às 22h
Espaço Cultural Bem Me Quer (área externa)
Fernando de Noronha

para inscrições
acesse link na bio
@grupoexperimental

realização: grupo experimental

apoio: FUNDAÇÃO DE CULTURA, FUNDAÇÃO DE CULTURA, FUNDAÇÃO DE CULTURA

incentivo: FUNDAÇÃO DE CULTURA, FUNDAÇÃO DE CULTURA, FUNDAÇÃO DE CULTURA



grupo experimental

insular

pesquisa

Pesquisa Pontilhada de memórias, reconectando territórios e ilhas.

Dancemos nossas humanidades.

Fernando de Noronha
@grupoexperimental

realização: grupo experimental

apoio: FUNDAÇÃO DE CULTURA, FUNDAÇÃO DE CULTURA, FUNDAÇÃO DE CULTURA

incentivo: FUNDAÇÃO DE CULTURA, FUNDAÇÃO DE CULTURA, FUNDAÇÃO DE CULTURA



grupo experimental

insular

Intervenção artística dança e poesia

Sábado, 06 de abril - 16h
concentração na Praça São Miguel - **Fernando de Noronha**

realização: grupo experimental

apoio: FUNDAÇÃO DE CULTURA, FUNDAÇÃO DE CULTURA, FUNDAÇÃO DE CULTURA

incentivo: FUNDAÇÃO DE CULTURA, FUNDAÇÃO DE CULTURA, FUNDAÇÃO DE CULTURA

@grupoexperimental



identidade visual da pesquisa





projetando - transformando ideias
em projetos culturais:
oferecendo instrumentos
de profissionalização das produções
artísticas para realização de sonhos

chris galdino

...Pousamos na ilha movidas pelo desejo pulsante do encontro de saberes que vem alimentando essa pesquisa desde 2010 – um processo que se expande, se ramifica e se aprofunda a cada retorno. Minha missão? Oferecer informações e métodos para transformar ideias em projetos culturais, através de uma oficina teórico-prática, imersiva e integrada ao campo da pesquisa. Chegar a Noronha é sempre uma experiência em que o deslumbre e o desafio caminham lado a lado. E dessa vez não foi diferente. O Insular trouxe um time de mulheres para conduzir bordados de memórias e futuros, de corpos ilhados por destino, por escolha – ou pela falta dela.

As ideias dos participantes refletiam a diversidade de trajetórias e contextos. Em comum, traziam a força do sonho feito semente, que já contém em si a grandeza da árvore e o sabor do fruto. Uma turma heterogênea, pulsando projetos: livros, séries audiovisuais, formações, eventos... Um leque de caminhos que pareciam entoar, em coro, um clamor: a ilha precisa de arte.

Durante os encontros, alguns alunos conseguiram esboçar seus projetos, identificando os verdadeiros objetivos que os moviam a criar tais ações. Mesmo aqueles que avançaram pouco na escrita ou na formalização, se mostraram entusiasmados com a possibilidade real de ver seus sonhos se tornarem projetos culturais.

Trabalhamos construção de objetivos, elaboração de cronogramas e orçamentos. Ao final, cada participante apresentou uma defesa oral simulada de sua proposta. Um exercício que soprou entusiasmo coletivo. Os relatos foram comoventes: de uma aluna escritora que gestou a ideia de um novo e inesperado livro, até outra que, prestes a desistir de executar um projeto já aprovado por conta da burocracia, decidiu continuar.

Insular reacendeu em mim o desejo de contribuir para que a natureza humana e cultural da ilha possa emergir e ser valorizada. Que esse lugar de paisagens paradisíacas – paradoxalmente aprisionado por um turismo predatório incessante – possa se tornar terreno fértil para a arte. E que, num futuro breve, floresça em Noronha uma vida cultural pulsante, livre e transformadora.

corpos insulares e suas danças - movimento
e a voz da poética que me habita
em relação com o território que me atravessa
e enraíza

mônica lira e rafaella trindade

Acionar o corpo é sempre uma lição que precisamos ensinar a nós mesmas. O corpo é movimento que ultrapassa a dança cotidiana: ele pode muito mais. A poética do movimento, trabalhada de forma colaborativa entre mim e Rafaella, ganhou ainda mais profundidade com as proposições de Silvinha, que trouxeram respostas surpreendentes a todas nós.

As/osicineiras/os se permitiram ser atravessadas/os pelos temas, entregando-se de corpo inteiro às provocações. A delicadeza da condução abriu o espaço para a criação coletiva, revelando uma dramaturgia capaz de desenhar caminhos e deixar pistas para um Pontilhados futuro, cheio de potência.

Com jogos de improvisação adaptados à metodologia das residências de Pontilhados, mesmo no pouco tempo que tivemos, o processo fluiu com intensidade. O impulso criativo fez emergir um grupo múltiplo, cheio de possibilidades. Descobrir a vulnerabilidade humana – e nela reconhecer também a nossa, enquanto artistas – abriu escutas mais profundas para que o nosso dançar continue a sustentar os sonhos.

Dividir as partituras coreográficas da obra original e convidar as/osicineiras/os a criar novas proposições foi um exercício poderoso. Ver tudo isso se materializar no dia da performance foi emocionante: cada gesto trazia uma verdade singular, e o coletivo, junto, parecia pulsar como um só corpo.

o que te move a permanecer aqui?

silvia góes

Um exercício de ativação: buscar os lugares escondidos no próprio corpo-território, preparando-se ao encontro. O que cotidianamente não olho em mim é o ponto de partida para expandir o contato... Um vaga-lume atravessa a sala de trabalho — metáfora viva do que nos iluminava ali. No centro de uma escola imensamente bem cuidada e cheia de sorrisos infantis... Foi incrível estar nesse espaço em arteação de mundos, falando de tantas mortes e constantemente cutucadas por renascimentos potentes inscritos nos risos das meninas e meninos do arquipélago.

O eu e o entre. Testemunha aberta aos acasos, irradiando a poesia do corpo. Apoios em duplas, até ficar de pé. A pergunta : o que te move a permanecer aqui?

Seguiram-se outros dias de encontros férteis, cada um revelando novas camadas de escuta, presença e criação, numa dança que não se encerrava na sala, mas transbordava para o território, para a vida, para a própria ilha.

entrevista com thania brito



Sua voz que embala nossos ouvidos há 26 anos na rádio FM de Noronha, com seu Balaio de Gatos leva para os noronhenses boa música, entrevistas, notícias.... Com suas marmitas vegetarianas deliciosas ela ainda fortalece a economia local comprando dos agricultores da ilha, suas marmitas são retornáveis, com consciência da importância em cuidar de um dos maiores problemas da ilha, o lixo. Por fim essa mulher apaixonada por tudo que faz ainda celebra casamentos e produz plaquinhas com material reciclado. Convido você a conhecer Thania Brito, a moradora que escolheu viver e se apaixonar por Fernando de Noronha.



para ver a entrevista de thania clique aqui



entrevista com marco aurélio (maguinho)



É na sede do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, o ICMBio, na mesma área onde também está o Projeto Tamar, que chegamos para conversar com ele e isso, por si, já é imenso... Ter a chance de testemunhar ali as estratégias de preservação da vida que tanto emocionam, pela dimensão da transformação poderosa que estas instituições vêm amalgamando ao tempo. Aos 58 anos, Marco Aurélio— ou simplesmente Maguinho, como todos o conhecem — é chefe substituto da Unidade de Conservação de Fernando de Noronha. Nascido na ilha, em plena Ditadura Militar, filho de um soldado do Exército, seu Adalberto, e de dona Madalena, que aos 83 e muito lúcida, mora lá na Rua da Creche ainda. É das memórias da infância e juventude nessas praias do arquipélago que vai povoando toda a conversa a transmitir o gosto por seu ofício hoje. Educador ambiental apaixonado, conhece Noronha de cabo a rabo: suas belezas, segredos e contradições. Guarda saudades da disciplina militar e também manifesta preocupação com o futuro dos jovens noronhenses, diante do que chama de “perda de identidade e de educação doméstica”. Não hesita em apontar os problemas que crescem com a falta de planejamento político: lixo, abastecimento de água, saneamento. Entre as respostas, ecoa sua pergunta que se repete como um alerta: “E esse povo que vive aqui?”

para ouvir a entrevista com marco aurélio (maguinho) clique aqui



entrevista com lucas flor

Ouvimos Lucas Flor em um dos pontos turísticos mais visitados de Noronha, com uma vista privilegiada do Forte Nossa Senhora dos Remédios, que em tempos passados serviu de prisão — uma conversa com cheiro de liberdade. A família Flor é uma das maiores da ilha. Lucas nos contou, com paixão, o que viveu e ainda vive em Noronha. Perto de completar 50 anos, ele falou sobre os tempos de outrora, educação, comunicação, questões sociais, política e arte.

Lucas é músico, compositor, poeta — e nos deixou um depoimento lindo:

“Todo ser humano deveria prezar pela qualidade do que faz e pelo bem ao próximo.”

Trecho de música composta por Lucas Flor em homenagem a Heleno Armando, grande defensor dos moradores da ilha, que faleceu de câncer:

“Quero morar depois dos esgotos,
Mas quem sou eu, o que posso exigir?
Se sou escravo, meu rei já foi morto,
Quem me governa nem posso escolher.
Já não sou dono do chão onde piso,
Nem ao menos do ar que respiro.
Se sou protesto, posso até ser morto,
Como meu rei, que morreu só de um tiro...”

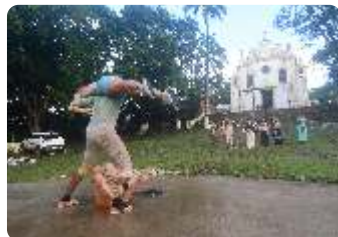


para ver a entrevista de lucas clique aqui



intervenção insular – pistas para novas pontes

silvia góes



para ver a intervenção clique aqui





Uma cidade nasce do encontro - Um olhar e outro olhar, um corpo e outro corpo, uma pedra e outra pedra, eu e você - Braços que se tocam, abraços que perduram, além das devastações - É poderosa a magia em nossas mãos - Juntas então, é invencível.

Olhe em volta, respire, acaricie o ar que entra e sai por nossos poros, buracos abertos pra lá das rebentações - O sangue da nossa gente, em qualquer geografia solar, nos reflete em vermelho - Vivo - Como estão sua nuca, seus pés, suas costas? - Chegou a hora de viver em sua pele, horizonte com o fora, nosso encontro no agora...

Devagar, atenção! Brinque com seus sentires, mude de posição - Receba a força da memória em incessante transformação - Olhe o chão, a mudança das pedras, cravadas à mão nessa terra marítima, uma a uma, irregulares, imperfeitas como somos - Cuidado onde pisa, as pedras são espelhos e os espelhos estão cheios de gente... Veja as frestas, rachaduras onde a vida, apesar de todas as guerras, insiste, eclode em abundância, indiferente à distância entre os corações endurecidos do mundo

No verde, há paz! - Ponte do hoje para tudo que nutre o espírito dos tempos, ventre de tantas vozes, há mais - Silêncio! Contemple a história...

À frente, aqui e antes, à sua esquerda, a Casa da Justiça, Palácio, canhões e matas - Assassínatos e libertações, condenações e mortes em muitas línguas faladas no barro debaixo dessa terra, tantas vezes tomada - À direita, ruínas e construções de outro agora.

É preciso pisar no medo, encará-lo de frente. Risos, infâncias perdidas, proibidos partos, punhos erguidos e lágrimas, tudo se sabe no encontro - Vontade de ralentar, desacelerar mais, pausar, descansar, derreter - A insurgência cuidando das velhas chagas - Regeneração!

E diante de tudo, em toda parte, o mar: oceânico, farto, testemunha de nossos passos. Onde o horizonte se desdobra, a contemplação do eterno, finita-se. Esse azul inesperado que nos cerca é convite à escuta. Perto, muito perto, desde sempre, há explosões e espasmos que nos chamam.

depoimentos

depoimentos das alunas

[clique aqui para ver o depoimento de Cila Correia](#) 

[clique aqui para ver o depoimento de Thania Brito](#) 

[clique aqui para ver o depoimento de Tammy Casagrande](#) 

[clique aqui para ver o depoimento de Daniela Garcia](#) 

[clique aqui para ver o depoimento de Michele Roth](#) 

depoimentos do público

[clique aqui para ver o depoimento de Neuma Alves](#) 

[clique aqui para ver o depoimento de Kelly Bezerra](#) 



dessa vez...

rafaella trindade

O que fica?
Quem permanece?
Tudo passa.
Ilha...Continente.
Aqui dentro...Lá fora.
Faltas...Sobras...Luxo.
Cinema, dança, teatro, circo, livros, quadros...Vazio.
Pego uma lupa, vejo de perto as diferenças sociais, elas saltam aos olhos. À primeira vista, não espanta, o azul belo esconde. " Se aproxiegue, sente aqui do meu lado, vamos conversar, há muito a ser dito". Esperança que chega e se vai com o vento, nada fica, tudo escorre...O tempo...Os sonhos...A vida.
" Queria tocar piano"... Disse a menina.
" Aqui é o melhor lugar do mundo, mas já foi melhor"...Disse baixinho o senhor grisalho sentado na sua cadeira de balanço enquanto as galinhas corriam no quintal e sua esposa 30 anos mais jovem penteava seus cabelos.
Todos que chegam, estão de passagem por aqui...Mas eu fico.
Escolho lutar, acreditar, esperar...Ai de quem me tirar daqui, esse é o meu lugar!
Desejos guardados, até roubados, sonhos interrompidos.
Beleza...Ah, essa está por todos os lados, ela nos olha atenta, como uma câmara vigiando nossos passos.
Para o turista, o relógio é o dos pássaros, que no fim da tarde dançam no céu.
Quem é da ilha, o tempo passa lento, ver o mar é riqueza para quem pode...De manhã, logo cedo, precisa abrir a porta da Praia do Sancho, lá só entra com agendamento, e sim, tem hora marcada...Não se atrase!
E assim seguem os dias...
Dependendo da época do ano, a ilha é paz ou festa...Impermanência.
Casamentos? De monte...Felizes para sempre? "Ah o amor...Esse interminável aprendizado".
Hotéis famosos, restaurantes de alta gastronomia, pousadas, favelas, abandono...Posso sair daqui?
Não...Não...Não.
Espero voltar. Dessa vez, levando arte para ficar... alimentar almas famintas, libertar sonhos guardados, acender desejos esquecidos.
Não estarei de passagem. Acredite. Chega mais perto...Dessa vez, é para ficar!

o tempo se move com a dança

Quando volto a Noronha, não é apenas pela beleza do mar ou pela biodiversidade que me paralisa, amo esse lugar e sinto impulsos que me fazem querer algo importante por aqui. Volto porque encontrei na arte um modo de transformar lugares e pessoas. Minha dança é a forma que tenho de contribuir com a humanidade e com a ilha que me formou.

Ouvi de moradores mais antigos que Noronha era melhor administrada quando ainda estava sob comando militar. Mas o que ecoa em todas as entrevistas e conversas é algo maior: o amor pela ilha, o cuidado pelo território, a consciência de que sem cultura e afeto a vida ali perde sentido.

Nas últimas experiências, revisitei também dores da minha família. Histórias difíceis que me entristecem, mas que me fazem buscar novas rotas. Acredito que podemos mudar o hoje, mesmo que o amanhã não seja a dança que tanto ensaiei. Porque a vida e a dança só são finitas quando os movimentos cessam.

Um sonho me acompanha: desenvolver projetos permanentes de arte em Noronha. Já realizei ações importantes, mas sempre pontuais, sem continuidade. É necessário mais: oficinas constantes de dança, teatro, artes visuais, música, circo... Com projetos de formação, onde talentos locais possam se desenvolver e encontrar outras formas de viver.

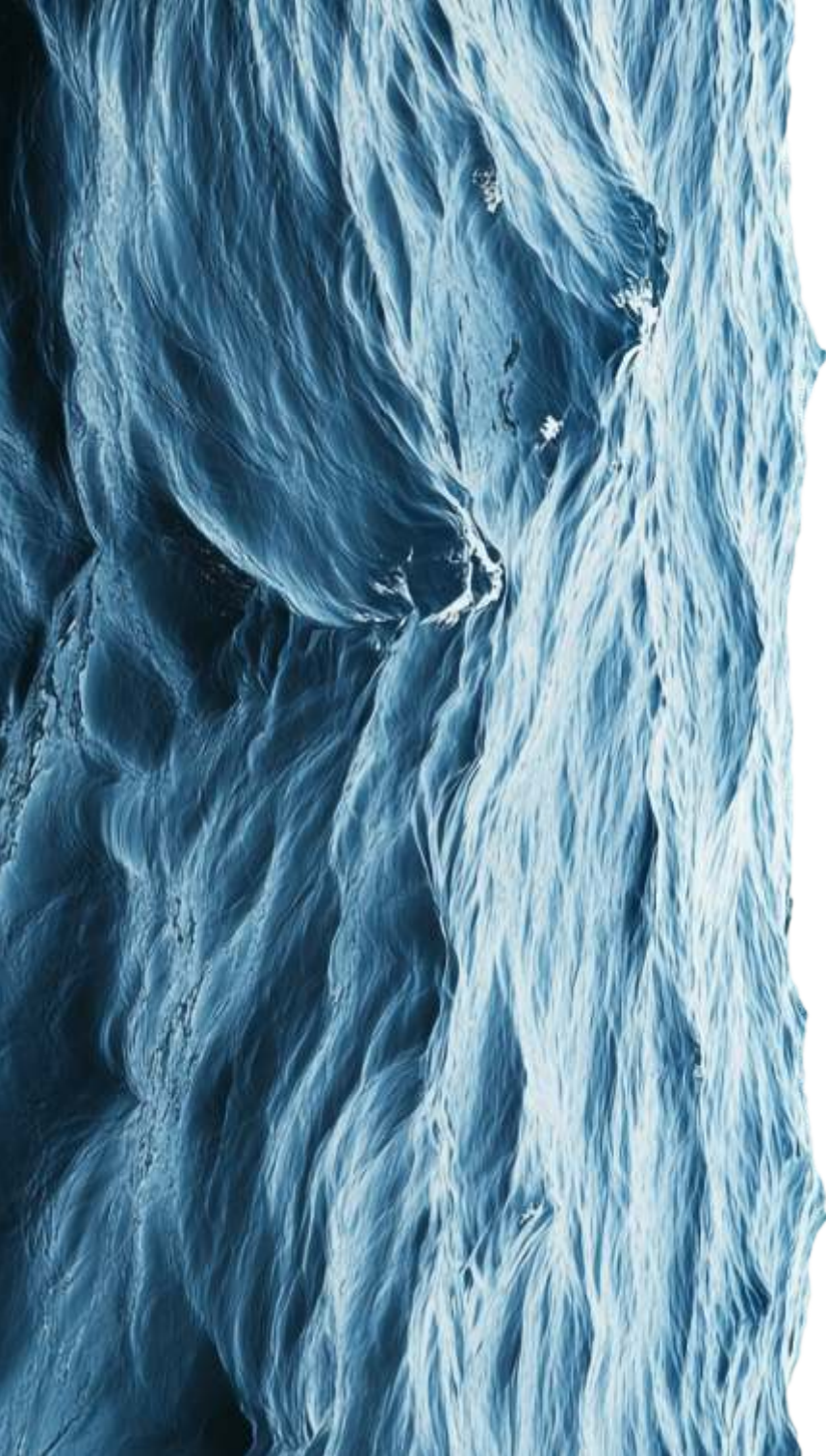
Conheci Tammy, bailarina que participou de nossas oficinas. Uma artista potente que já tentou vários projetos de dança na ilha, atendendo a jovens, mas não conseguiu dar continuidade. Hoje dar aulas de dança livre aos sábados. Mantém a empresa Noronha Zen, oferecendo yoga, massagens. Realiza cerimônias de casamento, além de um projeto lindo com pets, que cuida dos animais da ilha.

Outro parceiro é Rafael, professor de arte que vive na ilha há muito tempo. Durante alguns anos, manteve um cineclube para a comunidade, exibindo filmes e promovendo debates. Mas, como tantos, parou por falta de estrutura e apoio.

E lembro com emoção de Dona Nanete, que dedicou a vida à cultura. Seu legado resiste: o Maracatu Nação Noronha, a Quadrilha Junina, a Paixão de Cristo, o Pastoril. Após seu encantamento em 2020, a família mantém vivo o espaço cultural e as tradições que ela deixou. A ela e a todos os artistas que moram e trabalham na ilha e ainda não conheci, que acreditam que um povo precisa de arte para viver, toda minha dança e reverência.

as tartarugas também dançam





Penso em uma ilha que não apenas existe, mas dança com o seu povo. Seus passos estão gravados na areia, como os rastros deixados pelas tartarugas ao desovar. Esse movimento constante é a metáfora da vida: nada permanece imóvel, tudo se transforma.

O corpo humano também participa dessa dança. Ele é água que corre, maré que avança e recua, fluidez que nos conecta ao todo. Nuvens, chuvas, ventos, árvores, montanhas e mares são mais que elementos da paisagem: são parceiros da coreografia universal. Cada um deles nos ensina, em silêncio, que a vida é ritmo, alternância, continuidade. A cada ciclo, o sol, a lua e as estrelas nos lembram que até o descanso faz parte do movimento. Dormir não é parar, mas preparar o corpo e a alma para acordar no dia seguinte. Se há algo que a natureza nos revela é que sonhar e mover-se são necessidades vitais. Dançar, no fundo, é apenas uma forma de reconhecer o óbvio: que existir já é, em si, um ato de dança.

escuta da ilha
escritas poéticas

resultado da oficina

"Minha vontade é desacelerar. Parar. Descansar. Derreter.
Sem medo, sem dor, sem culpa. Só sendo.
No tapete, na descida da trilha que termina na pedra, sinto o chamado:
deitar, repousar, deixar meu corpo se encontrar com a terra."

Thania Brito

"Eu ando para frente, piso no medo e sigo.
Dou um passo para trás, com humildade, recuo um pouquinho.
Contemplo. Medito. Pergunto: sigo ou não?
Em cada vereda, com o divino, não me curvo à conveniência.
Meu fluxo é minha verdade. Essência?
Sigo o coração."

Dani Mesquita

Dani Mesquita

"Ponta das Caracas: recanto onde a mulher adulta dá as mãos à sua criança interna. Reencontro.
Onde o horizonte se desdobra, contemplo o eterno – tão finito.
Cada um é um universo.
Somos imensidão.
Nós somos o Cosmos.
Somos o próprio infinito."

Cila Correia

"Transfiro de lá para cá a potência do sentir.
Na busca do movimento sincero, autêntico... razão.
Permito-me fluir com a grandeza da simplicidade,
na transparência do meu ser."

"Eu sou a movedora que entra na roda tímida, mas que, ao conectar com meu interior, começa a mover os braços e sente florescer a beleza interior, numa expansão da consciência. A vida eclode em abundância. A paz se faz presente."

Michele Roth

Rotina Sagrada (uma oferenda – a nós, lindezas)

"Aos ossos, ofereço a força flexível de estar no mundo.

Aos seios, arte: o dom de amamentar as crias – minhas e alheias.

Ao sangue, a vibração divina do que flui.

Aos pés, espaços e abundâncias de estradas.

Às mãos, a beleza em suas fontes para dar (e receber).

À vagina, toda a dimensão da existência (em seu humano coração).

Às raízes, reverência, nutrição e todos os perdões (colo e casa).

Ao rosto, risos e lágrimas (carícias e dádivas).

À minha carne, muitos carnavais e abraços (dentro ou fora das multidões).

Ao ventre, a calma, o pólen e a cor da luta.

À voz, toda poesia – grito, silêncio, canto ou palavra – e a paciência para ouvir a escuta.
em teceduras, buscas e toques também.

Aos músculos: Marte em Gêmeos na casa seis (e Libra no meio do céu).

Ao útero da grande fé, todos os meus corpos.

Ao espírito, a disposição que me anima.

Ao que nomeamos alma, a entrega mais telúrica dos meus gestos (incluindo o cu e os movimentos peristálticos).

Aos corpos todos que toco, milagres vivos, cuidados quânticos a cada encontro (com milhões, com três, com um ou somente comigo).

Aos olhos, imensidões – rios, mares, desertos, sertões.

Ao dia, o brilho de muitos sóis.

Ou a chuva, quando quiser.

Ao escuro, magias – luas, bichos, plantas (epifanias e rituais).

A ti, se vens em paz, seja lá quem fores, ofereço o amor que brota dessa terra fértil que adubo
(espelho, desafio e causa).

E a morte, finalmente se mostra... Nua, plural...

Entranhada em cada pedra, poro, pulso, flor.

Dançando, linda e audaz, sobre o mais carnal dos epitáfios."

"Movimento o movimento que estava preso em mim.

Preso pelo julgamento.

Pela necessidade de aprovação do outro.

Pela caixinha que acolhe, que abriga, mas obriga: fechada, limitada.

Respeitando o outro, mas não a mim mesma.

Quero mais espaço para abrir as asas.

Para fluir e libertar as amarras do ego.

Retornar às minhas origens, despertar o conhecimento adormecido,
e ancorar essa nova fase:

**resgatar através do corpo a alma que dança,
que precisa de liberdade para expressar quem eu sou,
não quem os outros querem que eu seja.**

Movimento que parte do coração.

Do pulsar.

Invade a alma e liberta as asas.

Tammy Casagrande

Lugar mágico. Paraíso intocado.

Onde a natureza pulsa.

As rochas trazem força.

O mar traz vida.

Vida que emerge das águas.

Onde as tartarugas colocam seus ovos e, ao nascer, buscam a luz do mar para gravar em sua alma
o caminho do retorno.

Elas voltam, anos depois, para cumprir o ciclo, superar desafios naturais e fortalecer-se na
adversidade.

Honram as raízes, na beleza pulsante do azul e do verde."



Juvenal



Mary Macêdo



Fagner de Alcântara



Família de Dona Sebastiana



equipe projeto

Equipe mulheres insulares

Mônica Lira – Diretora e coordenadora da pesquisa/ Oficineira
Christianne Galdino – Produtora/ Pesquisadora/ Oficineira
Rafaella Trindade – Pesquisadora/ Oficineira
Sílvia Góes – Dramaturgista/Pesquisadora/ Oficineira



Participantes oficina/ intervenção

Cila Correia
Daniel Silva
Daniela Garcia
Geisiane Maiara
Ikaro Silvestre
Lucas Flor
Marina Fenício
Michele Roth
Paula
Rafael Marinho
Tammy Casagrande
Thania Brito
Vanessa Amorim

Carlos Lima – Editor/ colaborador/ revisor

Carlos Moura – Designer gráfico...

Edmilson Tanaka – Fotógrafo/ Filmmaker (Fernando de Noronha)

Rafael Marinho – Produção local (Fernando de Noronha)

Rogério Alves – Editor de vídeo

Silvio Barreto – Montagem e edição trilha sonora

Imagens antigas – acervo pessoal Mônica Lira

Imagens Insular primeira viagem – Fred Jordão

Fotos Espetáculo Compartilhados – Camila Sérgio

Foto Espetáculo Ilhados Encontrando as Pontes – Rogério Alves

Insular Pontilhada por elas (montagem e diagramação) – Carlos Moura

Entrevistadas

Ana Paula Alves
Daniela Garcia
Maria Glória (Dona Lília)
Thania Brito

Entrevistados

Ikaro Silvestre
Lucas Flor
Marco Aurélio Silva (Maguinho)

Depoimentos Participantes

Cila Correia
Michele Roth
Tammy Casagrande
Thania Brito

Depoimentos do Público

Neuma Alves
Kelly Bezerra



agradecimentos

Às mulheres mais importantes da minha vida: minha mãe Maria Glória (D. Lília) e Rafaella Trindade, minha filha e parceira neste insular. Obrigada à minha mãe que me deu o existir e à Rafa por me fazer existir através dela.

Aos meus amores e alicerces Caio e Beto Trindade, obrigada por sempre me apoiarem, pelas sugestões de alguns títulos, leituras e compartilhamentos!

Ao Sr. Queiroz (meu pai), Heriberto (meu irmão que me deixou seus registros compartilhados aqui), os dois encantados, mas a presença e o amor ficaram!

Aos meus irmãos Herbert e Ciron, minha irmã Sônia.

Às mulheres que dividiram suas energias, poesias, palavras, pensamentos.... Que se deixaram ser afetadas nessa Nau feminina e molhada de amores suados, dançar com vocês foi um privilégio. Obrigada, Christianne Galdino, Rafaella Trindade e Silvia Góes.

Aos que contribuíram com a 1ª viagem, possibilitando nossa ida: Robinho e André Luiz (facilitadores na nossa permanência na ilha). Às/os artistas do grupo experimental: Lilli, Everton, Jennyfer, Rafaella, Januária, Daniel, Patrícia, Ramon, Silvio. Aos que foram pelo Núcleo de Formação: Gardênia, Fernando e Thaíne. Aos fotógrafos: Fred e Rogério. Iluminador Beto e produtora Chris, toda minha gratidão!

Equipe da 2ª viagem: Lilli, Rafaella, Tarcísio, Everton, e nosso iluminador Beto, obrigada por nos acompanharem no "Sobre Ilhas".

Aos que fizeram parte da nossa 3ª viagem e pesquisa. Em especial a Rafael que fez nossa produção local pela segunda vez. E nessa viagem nos ajudou a encontrar nossos entrevistados, e resolver todas as questões na ilha, muito obrigada por mais essa parceria!

À Administração da ilha que acolheu nosso projeto possibilitando essa parceria imprescindível para realização da pesquisa. Aos gestores: Andrea e Amaro, da superintendência de educação.

Aos canais de comunicação da Ilha, através da TV Golfinho e da Rádio FM, especialmente do Programa Balaio de Gatos e a parceria com nossa querida Thania Bispo. Ao parceiro das imagens de fotos e vídeos que dançou com a gente nesse Insular, obrigada Tanaka!

Ao artista Silvio Barreto que nos acompanha em Pontilhados como editor das vozes e músicas que ouvimos durante o passeio, que construiu a trilha dessas pistas pontilhadas de poesia. Também por captar as imagens da entrevista

agradecimentos

de Dona Lília, obrigada. Rogério Alves que trabalhou da edição de todas as imagens de vídeo, fotos e áudio disponibilizado nesse material, obrigada.

À direção da Escola Bem me Quer que cedeu o espaço para realização das oficinas.

À Tammy que conseguiu algumas parcerias na ilha e a disponibilidade no apoio a produção com a nossa intervenção final.

Todas as alunas e alunos que participaram e acreditaram na nossa proposta, participando de forma intensa dos encontros e da intervenção.

Agradecer a todas as pessoas que de forma generosa puderam contar um pouco da sua história e relação com a ilha, nossas/os entrevistadas/os: Daniela, Íkaro, Ana Paula, Thania, Lucas, Lília, Maguinho. Aos que não conseguimos colocar no livro por questões técnicas, mas com toda nossa gratidão e carinho agradecemos: Mary Macêdo, Sr. Juvenal, Fagner de Alcântara, família de D. Sebastiana Soares.

Aos depoimentos das alunas das oficinas: Cila, Daniela, Michelle, Tammy, Thania, obrigada.

Aos depoimentos públicos: Neuma e Kelly, grata.

Às conversas com as filhas de Nanete: Dôra e Veia, gratidão!

Ao nosso revisor que se debruçou e mergulhou em nossas águas para se aproximar das nossas coreografias das palavras, se empenhando também em colaborar com outras danças e criações, gratidão Carlos Lima.

Para finalizar, o agradecimento que não consigo medir com palavras, dessa parceria que atravessa décadas, aquele que conhece nossos passos e danças sem nem precisar de legenda. Meu amigo Carlos Moura: ele que é um designer que dança com as imagens do nosso imaginário e, com sua sensibilidade, consegue traduzir o que acredito de um trabalho de pesquisa artístico-dançante. Muito obrigada por essa dança Insular tão linda e especial!

Agradecer o incentivo do Governo do Estado de Pernambuco, Fundarpe, através do Edital do Funcultura, sem o incentivo essa pesquisa não teria acontecido!

Muito obrigado!

Que tal pegar o celular, fone de ouvido,
sentar ou deitar confortavelmente
para ouvir nossa dança insular?
Se você já conhece a ilha, se permita reinventá-la.
Esse é um convite para um mergulho poético:
Vamos pousar em Fernando de Noronha?
Feche os olhos e sinta o cheiro de mar.

[clique aqui para ouvir a trilha sonora](#)



Terceira Viagem - Praia do Leão
foto: pesquisa Grupo Experimental

@grupoexperimental

realização



apoio



incentivo

